A CRUZ DE CRISTO

O Centro do Evangelho



RAFAEL AIRES

Sumário

As três cruzes do calvário.....3

Justificação pela fé: a Essência do evangelho.....13

Está consumado: A dívida foi paga na cruz!.....25

A Sete Palavras da Cruz.....34

Jesus, a nossa Páscoa.....44

O Desamparo no Calvário.....53

O perigo de participar da Santa Ceia indignamente..63

Os Padecimentos de Cristo.....73

As três cruzes do calvário - (Lucas 23:33)

Introdução

À luz deste texto, meditaremos no seguinte tema: As três cruzes do calvário.

Jerusalém estava em festa por ocasião da Páscoa, quando a cidade foi profundamente sacudida pela notícia de que Jesus havia sido preso.

Aquele que operara milagres e ensinava com autoridade agora era conduzido como malfeitor.

Naquela sexta-feira pela manhã, Jesus foi levado diante de Pilatos, que, examinando-o, reconheceu claramente a sua inocência.

Desejando livrar-se da responsabilidade, Pilatos enviou Jesus a Herodes. Este, após interrogá-lo e escarnecê-lo, tornou a remetê-lo a Pilatos, sem encontrar culpa alguma nele.

Então Pilatos apresentou ao povo Jesus e Barrabás, perguntando qual dos dois deveria ser solto. Instigada pelos principais dos sacerdotes, a multidão clamou pela libertação de Barrabás e exigiu a crucificação de Jesus.

Por fim, Pilatos, lavando as mãos diante do povo, declarou-se inocente do sangue daquele justo. Contudo Pilatos contrariando a própria consciência e cedendo à pressão do povo, entregou Jesus para ser crucificado.

Iniciou-se, então, a dolorosa jornada rumo ao Calvário. A multidão comprimia-se pelas ruas estreitas de Jerusalém, enquanto os soldados, com dureza, conduziam Jesus para fora das muralhas da cidade.

Entre empurrões, insultos e escárnios, o Cordeiro de Deus seguia em silêncio.

Fora da cidade, em um lugar chamado Calvário — que em hebraico se diz Gólgota, isto é, Caveira — levantaram a cruz e ali o crucificaram. Naquele cenário de dor e vergonha, consumava-se o mais sublime ato de amor da história: o Justo sendo entregue pelos injustos.

À direita de Jesus estava um malfeitor; à sua esquerda, outro malfeitor. Assim, o Filho de Deus foi crucificado entre dois ladrões, sendo contado com os transgressores, em cumprimento das Escrituras. Como está escrito em **Isaías 53:12 "[...] e com os transgressores foi contado; mas ele levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu."**

Desse modo, cumpriu-se fielmente a profecia do Antigo Testamento, pois aquele que era santo e justo tomou o lugar dos pecadores, identificando-se com a humanidade caída para realizar a obra da redenção.

Contudo, Jesus não ocupava a cruz do meio por ser o maior pecador, pois nele não houve pecado. Jesus foi crucificado no meio de dois malfeitores. Por que Jesus foi crucificado na cruz do meio?

Jesus estava na cruz do centro porque ele levou sobre si os nossos pecados. Ele morreu pelos nossos pecados, e também, porque ele divide os homens em dois grupos: os que o rejeitam e os que o recebem.

As duas cruzes, do lado direito, e do lado esquerdo de Jesus representam duas escolhas, dois destinos, duas eternidades.

A cruz do meio representa a salvação. A cruz da esquerda representa a rejeição. A cruz da direita representa a aceitação.

Isso é apenas um retrato do que vai acontecer na história da humanidade, de um lado tem um que se arrepende, e é salvo, do outro lado tem outro que se mantém rebelde, e é condenado eternamente.

Diante da cena do Calvário, onde três cruzes se erguem, somos convidados a refletir sobre uma verdade profunda. Ali, no monte da Caveira, encontra-se o centro da história da humanidade e o ponto decisivo da eternidade.

Na cruz do meio está o Filho de Deus; do lado direito, um coração arrependido; do lado esquerdo, um coração endurecido.

Entre dois culpados, está o único inocente. Entre dois destinos eternos, encontra-se o único e suficiente Salvador, plenamente poderoso para redimir e salvar todo pecador que nele crê.

Tendo contemplado o cenário do Calvário e compreendido que ali se levantaram três cruzes, é

necessário agora dirigir nossa atenção ao ponto central daquela cena.

Primeiramente, vejamos a cruz do meio: a cruz do meio representa a salvação.

Ela não estava no centro por acaso, nem por mera coincidência histórica.

A cruz do meio ocupa o lugar de destaque porque ali estava o Filho de Deus, o cumprimento das promessas, o Cordeiro que tira o pecado do mundo.

Antes de olharmos para as reações dos dois malfeitores, precisamos fixar os olhos naquele que está no meio, pois é dele que procede a salvação.

Na cruz do meio está o Salvador. Ali está o Criador do universo, o Senhor dos senhores e o Rei dos reis.

Surge, então, uma pergunta solene: por que Jesus não foi crucificado à direita ou à esquerda, mas precisamente na cruz do centro?

Não foi acaso, nem mera decisão humana. A posição central revela uma verdade profunda: Cristo é o eixo da história, Ele é o Juiz de todos os homens.

Os dois ladrões representam a própria humanidade caída. Ambos eram culpados, ambos estavam condenados, ambos simbolizam a condição universal do homem diante de Deus. Como afirma a Escritura: **"Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus." (Romanos 3:23)**

Não somos melhores do que àquele que estava na cruz da direita ou da esquerda. Todos nós somos igualmente necessitados da graça que flui da cruz do meio.

Jesus estava na cruz do meio porque ele assumiu o seu, o meu, o nosso pecado. Jesus estava na cruz do meio porque Deus lançou sobre ele a iniquidade de todos nós.

Jesus estava na cruz do meio porque ele carregou sobre o madeiro, no seu corpo os nossos pecados.

Jesus estava na cruz do meio porque ele se identificou com você e comigo, ele se fez pecado por nós, ele se fez maldição por nós.

Jesus estava na cruz do meio porque diz a bíblia que o Pai o entregou por amor, o Pai não poupou seu próprio Filho, antes por todos nós o entregou. É importante destacar que Jesus não foi para a cruz porque Judas o traiu por ganância.

Jesus não foi para a cruz porque os Judeus por inveja o entregaram a Pilatos.

Jesus não foi para a cruz porque Pilatos covardemente o sentenciou à morte.

Jesus não foi para a cruz porque os soldados de forma cruel o prenderam.

Jesus foi para a cruz voluntariamente, como o bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

Jesus foi para a cruz para beber o cálice da ira de Deus em nosso lugar. O Senhor Jesus é a única esperança de você ser perdoado e salvo.

Você não pode ser salvo pelas suas obras ou pelos seus méritos.

Por isso precisamos olhar para Jesus. Todo aquele que se arrepende dos seus pecados e crê no Senhor Jesus tem a vida eterna.

Voltemos agora o nosso olhar para a cruz da esquerda.

A cruz da esquerda representa a rejeição. Na cruz da esquerda também há uma mensagem solene que precisa ser considerada.

Se na cruz do meio contemplamos a graça de Deus, na cruz da esquerda veremos a tragédia de um coração que permaneceu endurecido diante do Salvador.

Apesar de ser um pecador condenado à morte aquele que estava à esquerda de Jesus, rejeitou-o e rejeitou na hora da morte, e rejeitou na última volta do ponteiro da vida.

Nada é mais perigoso do que ouvir a verdade, contemplar o Salvador e, ainda assim, rejeitá-lo. Mais grave ainda é permanecer na incredulidade na última hora da vida, quando já não há tempo para novas oportunidades.

Rejeitar Cristo diante da luz é selar a própria condenação. Rejeitar o Salvador é decidir pela própria condenação.

O ladrão da esquerda disse para Jesus: “Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.” **(Lucas 23:39)**

Esse pedido para que Jesus descesse da cruz foi insensato e contrário ao plano eterno de Deus.

Ao exigir livramento imediato, ele demonstrava não compreender que a cruz era justamente o caminho estabelecido para a redenção. Se Cristo tivesse descido da cruz, todos nós desceríamos ao inferno.

Voltemos agora o nosso olhar para a cruz da direita.

A cruz da direita representa a aceitação pela fé. O homem que ali estava também se encontrava condenado, sofrendo a justa penalidade por seus crimes. É importante destacar que inicialmente ambos os malfeitores insultavam Jesus. **(Mateus 27:44)**

Isso torna a cena ainda mais impactante, pois revela que houve uma mudança real no coração daquele que, mais tarde, se arrependeu.

Surge, então, a pergunta: o que levou o ladrão da direita ao arrependimento?

Em **Lucas 23:34**, temos a primeira palavra de Jesus na cruz: “**Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.**

Enquanto era maltratado, zombado e escarnecido, Jesus não proferiu palavras de vingança, mas de intercessão.

Essa manifestação de graça em meio à dor certamente tocou o coração daquele homem à direita de Jesus, levando-o ao reconhecimento de sua culpa e à fé no Salvador.

Quebrantado e convencido de sua própria culpa, aquele homem já não falava com ironia, mas com fé. Seus lábios, antes marcados pela zombaria, agora expressam humilde confiança no Salvador Jesus.

Voltando-se para Jesus, disse: **"Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino." (Lucas 23:42)**

Na última hora de sua vida, no instante final de sua existência terrena, ele reconheceu que somente Cristo poderia salvá-lo.

E, como resposta àquela fé sincera, Jesus garantiu a salvação daquele homem, declarando: **"Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso." (Lucas 23:43)**

À luz da cena do Calvário, extraímos verdades que não podem permanecer apenas na reflexão, mas precisam alcançar o coração.

Quero, portanto, concluir apresentando duas aplicações práticas que emergem do texto e que falam diretamente à nossa vida hoje.

Primeira aplicação: a salvação não é pelas obras, mas exclusivamente pela graça de Deus.

Se dependesse de méritos humanos, aquele malfeitor jamais poderia ser salvo, pois viveu toda a sua vida no crime e nada tinha a oferecer a Deus.

Contudo, ao arrepender-se e crer, recebeu gratuitamente a promessa da vida eterna.

Isso nos ensina que, se alguém se arrepender sinceramente até mesmo na hora final — no leito de enfermidade ou à beira da morte — será salvo pela graça de Cristo.

Por outro lado, uma pessoa pode ser considerada um bom cidadão, um pai dedicado, uma boa mãe; ainda assim, se não se arrepender e não crer no Senhor Jesus, morrerá em seus pecados e será condenado eternamente.

A salvação não é resultado do que fazemos para Deus, mas do que Deus fez por nós na cruz. A salvação não é conquista humana, é dádiva de Deus; não é recompensa por esforço, é presente da graça mediante a fé. A graça que nos salva, é a mesma que nos transforma.

Segunda aplicação: a salvação é imediata.

No momento em que aquele homem se arrependeu e clamou: **Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino**. Recebeu prontamente a resposta de

Cristo: “**Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso**”.

Não ocorreu espera, manifestou-se graça imediata ao pecador arrependido.

Jesus foi crucificado às nove horas da manhã e, por volta das três horas da tarde, entregou o seu espírito ao Pai. No momento em que o ladrão arrependido morreu, imediatamente encontrou Jesus no Paraíso.

Assim também ocorre com todo crente salvo: ao deixar este mundo, seu espírito entra imediatamente na presença de Jesus no céu.

Estamos, portanto, diante da cruz do meio. Ali se definem dois destinos, duas escolhas, duas eternidades.

Não sabemos o que será do amanhã. Se amanhã pode ser o dia da morte, que hoje seja o dia do arrependimento e da entrega sincera ao Senhor Jesus Cristo.

Justificação pela fé: a Essência do evangelho (Romanos 5:1-2)

Introdução

À luz das Escrituras, quero meditar sobre o tema que é considerado o fundamento, a base, o alicerce, a essência, a espinha dorsal e o coração do Evangelho: a justificação pela fé.

A doutrina da justificação pela fé é o núcleo, é a essência do Evangelho; onde ela é corretamente compreendida, o Evangelho resplandece com clareza.

A Carta de Paulo aos Romanos descortina diante de nós a gloriosa verdade da justificação pela fé.

A partir do capítulo 3, o apóstolo Paulo passa a tratar diretamente desse tema, estabelecendo a base e o fundamento dessa doutrina ao demonstrar que a justiça vem de Deus, e é recebida mediante a fé.

No capítulo 4, Paulo mostra que essa doutrina não é nova, não foi criada por ele, porque Abraão o pai da fé foi justificado não por obras, mas pela fé.

No capítulo 5, o apóstolo Paulo apresenta os frutos da justificação, mostrando as bênçãos que decorrem de estarmos reconciliados com Deus.

A ideia de que a salvação pode ser alcançada pelo esforço humano ou pelo acúmulo de boas obras está em total desacordo com o ensino das Escrituras.

O ser humano não é justificado diante de Deus por suas obras, o homem é justificado pela fé.

A Escritura é bem clara ao afirmar que a salvação procede da graça de Deus, é recebida mediante a fé e não é resultado de obras humanas.

Portanto, a salvação não é uma conquista do homem, é um presente de Deus. (Romanos 6:23) (Efésios 2:8-9)

Para compreendermos a profundidade desse tema bendito, destaquemos quatro pontos fundamentais.

Primeiro ponto fundamental: o que significa justificação pela fé

A justificação pela fé é o ato pelo qual Deus, como Juiz, declara justo o pecador que crê em Jesus, não por causa de suas obras ou méritos pessoais, mas unicamente por causa da obra de Cristo na cruz. Em outras palavras, justificar significa declarar alguém justo.

O homem é culpado por causa do pecado, mas, quando deposita a sua fé em Cristo, Deus lhe atribui a justiça de Cristo e o recebe como justo. A perfeita justiça

de Cristo é totalmente imputada (creditada) na conta daquele que crê no Senhor Jesus.

Na cruz do Calvário, ocorreu a maior transação da história. Os nossos pecados foram lançados sobre Jesus, e a perfeita justiça d'Ele foi creditada na nossa conta.

A justificação pela fé é um ato que ocorre uma única vez no tribunal de Deus, no qual Ele declara justo todo aquele que crê em Jesus, tendo como base exclusiva a obra de Cristo realizada na cruz.

Não existe uma pessoa mais justificada do que outra; todos os que creem são plenamente justificados diante de Deus, unicamente pelos méritos de Cristo.

Segundo ponto fundamental: a necessidade da justificação

O ser humano precisa se reconciliar com Deus porque o pecado o afasta de Deus. A Bíblia diz que as nossas transgressões fazem separação entre nós e Deus. (Isaías 59:2)

A Bíblia declara que todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus (Romanos 3:23). Não há justo, nem um sequer. (Romanos 3:10)

Todos haveremos de comparecer perante o justo tribunal de Deus para prestar contas da nossa vida.

Seremos julgados pelas nossas palavras, obras, omissões e até pelos nossos pensamentos, e o padrão

exigido no tribunal de Deus é a perfeição. Diante desse critério, toda a humanidade se encontra culpada. A reconciliação é uma necessidade vital porque existe uma barreira entre o homem e Deus, os nossos pecados.

A reconciliação é exatamente a remoção dessa barreira.

É impossível o ser humano entrar no céu pelas suas obras, ninguém jamais será salvo com base em méritos pessoais.

Para o homem entrar no céu, é necessário que Deus o justifique primeiro, concedendo-lhe gratuitamente a justiça que vem de Cristo.

(Provérbios 17:15) O que justifica o ímpio e o que condena o justo, abomináveis são para o Senhor tanto um como o outro.

A Bíblia afirma em **Romanos 4:5** que Deus justifica o ímpio.

Como Deus pode justificar o pecador e, ainda assim, permanecer perfeitamente justo?

Deus só pode perdoar e justificar o pecador com plena coerência com o seu santo caráter, pois a sua justiça não pode ser negada. Sendo perfeitamente justo, Deus não ignora o pecado nem o trata com indiferença; antes, requer que sua justiça seja satisfeita. Para que o

perdão fosse possível, alguém teria que morrer no lugar dos pecadores.

Na cruz, Jesus assumiu a nossa culpa, e ali a justiça de Deus o Pai foi plenamente satisfeita. Assim, Deus pode perdoar e justificar o pecador sem comprometer a sua retidão, permanecendo ao mesmo tempo justo e justificador.

A justiça de Deus exigia a morte do pecador, porque o salário do pecado é a morte. Um juiz verdadeiramente justo não ignora a transgressão; mas aplica a justiça e condena o culpado.

Na cruz a sentença caiu sobre Jesus, o nosso substituto, e, por isso, quem crê no Senhor Jesus é absolvido, é justificado.

Em Romanos 3:24-25 o apóstolo Paulo emprega duas palavras fundamentais para explicar a obra de Cristo: redenção e propiciação.

A correta compreensão desses dois termos ilumina o significado da cruz de Cristo.

A primeira palavra é Redenção: Redenção é preço pago para libertação, redenção é deixar alguém livre mediante o pagamento de um preço; é a soltura de alguém mediante o pagamento de um resgate.

Cristo veio ao mundo com um propósito bem definido: resgatar os pecadores. Não se trata apenas de

um exemplo moral, mas de um resgate pago com sangue.

A Bíblia ensina em 1 Pedro 1:18–19 que fomos resgatados não com prata ou ouro, mas com o precioso sangue de Jesus.

(Salmos 49:7-8) Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele. Pois a redenção da sua alma é caríssima, e seus recursos se esgotariam antes.

O preço do resgate de uma alma está totalmente fora do alcance humano. Os recursos da Terra se esgotariam inteiramente e não seriam suficientes.

É exatamente por isso que a justificação pela fé brilha com tanta glória! Aquilo que o ouro e a prata não puderam pagar, Jesus pagou. O resgate que era impossível para nós foi integralmente pago na cruz.

Jesus pagou a nossa dívida, assumiu a nossa culpa e comprou para Deus um povo por meio do seu sangue.

Deus não colocou a nossa dívida na nossa conta; Ele a lançou na conta de Seu Filho, Jesus, e creditou a perfeita justiça de Cristo na nossa conta.

Como resultado dessa transação, Deus nos declara plenamente justos diante do seu tribunal e não pesa mais nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus.

A segunda palavra que o apóstolo Paulo citou é Propiciação.

Propiciação é um sacrifício que satisfaz plenamente a justiça de Deus, removendo a culpa por meio de um substituto aceitável diante de Deus.

A Bíblia afirma que o próprio Jesus foi o sacrifício perfeito oferecido a Deus em favor dos pecadores.

(Efésios 5:2) E andai em amor, como também Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave.

Na cruz, a justiça de Deus não foi anulada, mas foi aplicada. Cristo recebeu a punição que merecíamos, a sua morte foi vicária: Ele morreu em nosso lugar.

Jesus assumiu a nossa culpa e se ofereceu como sacrifício perfeito. Diz a Escritura: **Aquele que não conheceu pecado, Deus o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus. (2 Coríntios 5:21)**

Quando cremos em Jesus, somos declarados justos diante do tribunal de Deus.

Justificados, deixamos a condição de inimigos e passamos à posição de filhos, pois fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, o Senhor Jesus.

Terceiro ponto fundamental: a base da justificação

A base da justificação não são as nossas obras, mas o sacrifício de Cristo em nosso favor. Ele morreu a nossa morte, pagou a nossa dívida e cancelou o escrito que era contra nós.

A justificação repousa inteiramente na obra perfeita e eficaz de Cristo. Somos justificados por causa do mérito do sacrifício de Cristo.

A salvação não é uma conquista do homem, é um presente de Deus. Pela fé nos apropriamos dos benefícios da redenção.

A fé é a mão estendida do mendigo que recebe o presente do Rei; a fé é a causa instrumental, e não a causa meritória.

A fé é o meio pelo qual o pecador toma posse daquilo que Cristo conquistou na cruz. Somos justificados pela fé.

A fé é transferir a nossa confiança daquilo que fazemos para o que Cristo fez por nós na cruz.

Somos justificados pela fé, vivemos pela fé, andamos de fé em fé e vencemos o mundo pela fé.

Muitas pessoas têm dificuldade em compreender a relação entre fé e obras e, por isso, acabam gerando confusão. Surge então a pergunta: como devemos entender corretamente essa questão?

O apóstolo Paulo afirmou que a justificação é pela fé; Tiago disse que a fé sem obras é morta.

Paulo tratou da causa instrumental da justificação e ensinou que o pecador é aceito diante de Deus somente pela fé. Tiago, por sua vez, estava olhando para a evidência da justificação e mostrou que a verdadeira fé produz boas obras.

A pergunta de Paulo é: como a salvação é recebida? A resposta é: pela fé somente.

A pergunta de Tiago é: como essa fé é demonstrada? A resposta é: pelas obras.

Somos salvos pela graça de Deus, mediante a fé, com um propósito bem definido: viver para as boas obras.

A salvação não procede das obras. As obras não são a causa da salvação, e sim o resultado.

A graça que nos salva é a mesma que nos transforma, conduzindo-nos a uma vida que glorifica a Deus.

Quem foi salvo pela graça de Deus não vive mais dominado pelo pecado, porque a graça nos liberta do poder do pecado.

(Romanos 6:14) Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.

Estar "debaixo da lei" significa tentar salvar a si mesmo pelo próprio esforço, o que sempre resulta em fracasso e escravidão ao pecado.

Mas estar "debaixo da graça" significa que fomos unidos a Cristo na Sua morte e ressurreição. A graça não é um salvo-conduto para pecar; a graça é o poder de Deus que nos livra do pecado.

Quarto ponto fundamental: os frutos da justificação

O primeiro fruto da justificação é paz com Deus: **(Romanos 5:1) Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.**

Essa é a paz da reconciliação com Deus. Já não permanecemos como inimigos de Deus.

A inimizade foi removida, e agora existe harmonia entre Deus e o pecador justificado. O muro que fazia separação entre nós e Deus foi derrubado.

O segundo fruto da justificação é acesso à presença de Deus: **(Romanos 5:2a) Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça.**

Por meio de Cristo, temos livre acesso a Deus. Quando Jesus deu um brado na cruz: “Está consumado”, o véu do templo se rasgou de alto a baixo, indicando que o caminho à presença de Deus foi aberto.

O crente agora se aproxima de Deus não com medo, mas com confiança, por intermédio de Jesus.

O terceiro fruto da justificação é esperança da glória. **(Romanos 5:2b) [...] e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.**

Quem foi justificado não vive dominado pelo temor da morte nem pela incerteza do futuro. Há segurança quanto à eternidade. O crente possui a firme esperança do céu, não como desejo incerto, mas como promessa garantida.

A justificação presente aponta para a glorificação futura, assegurando que aquele que foi aceito por Deus hoje, viverá com Ele para sempre.

Quem foi justificado pela fé tem garantia do céu, quem foi justificado pela fé tem certeza que na última volta do ponteiro da vida, sua entrada no céu é certa.

Quero concluir dizendo que os frutos da justificação são paz com Deus, acesso à graça e esperança da glória.

Em relação ao passado, temos paz com Deus: a culpa foi removida e a inimizade cessou. No presente, desfrutamos livre acesso à presença de Deus.

Quanto ao futuro, possuímos a esperança da glória, a certeza de que participaremos da herança eterna.

A justificação, portanto, envolve passado, presente e futuro. Temos paz no passado, graça no presente e glória no futuro.

O destino para o qual somos admitidos é o céu; o acesso é Cristo, e o único meio de entrada é a fé.

A causa meritória da justificação é o sacrifício substitutivo de Cristo; a causa instrumental é a fé que se apropria dessa obra perfeita.

A justificação pela fé é uma verdade bendita e transformadora.

Resta, porém, a pergunta decisiva: essa verdade já se tornou realidade em sua vida? Você já foi justificado por Deus?

Está Consumado: A dívida foi paga na cruz! (João 19:30)

Introdução

À luz das Escrituras, meditaremos sobre o tema: Tetelestai: A dívida foi paga na cruz!

À luz das Escrituras, temos plena certeza e total convicção de que o Calvário não foi um acidente, mas parte do plano de Deus. Cristo veio para morrer.

Jesus não morreu como um mártir, Ele voluntariamente deu a sua vida. **(João 10:17) Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la.**

Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. **(João 1:29)**

Jesus é o bom pastor que dá a sua vida pelas ovelhas. **(João 10:11)**

É importante compreendermos que Jesus foi para a cruz não apenas porque os líderes judeus o entregaram por inveja, nem somente porque Judas o traiu por dinheiro, tampouco porque Pilatos, por covardia, o condenou à morte.

Cristo foi para a cruz porque o Pai o entregou por amor. Jesus foi para a cruz porque ele se entregou a si mesmo por nós.

O Calvário é a maior e mais clara demonstração da justiça e do amor de Deus, pois ali Ele não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou por nós, para nos salvar.

(Romanos 5:8) Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.

A cruz de Cristo é a nossa libertação. A cruz não foi uma derrota, ela é o nosso triunfo. Jesus caminhou para a cruz como um Rei caminha para sua coroação.

Jesus venceu a morte, a morte não tem a última palavra. Cristo com sua morte tirou o aguilhão da morte. Agora a palavra final não é da sepultura.

Jesus entrou nas entranhas da morte e venceu a morte, e todo aquele que nele crê não será condenado, mas tem a vida eterna.

(João 5:24) Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida.

Jesus assumiu o nosso lugar como nosso representante e fiador. Jesus pagou a nossa dívida, Ele morreu em nosso lugar e abriu para nós um novo e vivo caminho de retorno ao Pai.

A cruz de Cristo é a ponte entre a terra e o céu. Nenhuma pessoa pode chegar até Deus a não ser por meio de Jesus. Só há salvação em Jesus Cristo.

(Atos 4:12) E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.

A bíblia relata em Marcos 15:27 que o Senhor Jesus foi crucificado entre dois ladrões. E diz a Escritura em Marcos 15:25 que Jesus foi crucificado às 9 horas da manhã daquela sexta-feira.

Jesus transformou aquele momento que ficou na cruz, num palco da demonstração da graça de Deus. Às três horas da tarde Jesus deu um grande brado dizendo: Está consumado. O termo "está consumado" no grego é Tetelestai que significa está pago.

A palavra Tetelestai tinha três significados, todos estão correlacionados com a obra que Jesus fez na cruz.

O primeiro significado da palavra Tetelestai: é um significado doméstico, familiar

Quando um pai incumbia o seu filho de uma tarefa para fazer, o filho ao terminar essa tarefa, voltava para o seu pai e dizia: pai, Tetelestai, eu terminei a obra que o

Senhor me confiou a fazer. Jesus veio ao mundo com uma missão outorgada pelo Pai: morrer pelos nossos pecados a fim de nos resgatar.

Ao dar o brado final na cruz com as palavras - Está consumado! Jesus declarava ao Pai que havia concluído a obra que Lhe fora confiada: morrer pelos pecados da humanidade.

(1 Coríntios 15:3) Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras.

(Gálatas 1:4a) O qual se deu a si mesmo por nossos pecados.

(1 Pedro 2:24a) Levando, ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro.

Essas passagens revelam, de forma inequívoca, que a morte de Cristo não foi acidental, mas voluntária, substitutiva e redentora, cumprindo o eterno propósito de Deus para a salvação dos pecadores.

O sacrifício de Cristo foi perfeito, suficiente e definitivo, não necessitando de repetição ou complemento.

(Hebreus 10:12) Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus.

O Segundo significado para a palavra Tetelestai: é uma palavra comercial

Quando alguém comprava algo, e pagava em prestações, ao quitar a dívida, a pessoa levava uma promissória e quem recebia o valor correspondente batia um carimbo, Tetelestai, está pago, está quitado, agora você não deve mais nada.

Quando Jesus deu aquele brado na cruz — Tetelestai —, Ele estava dizendo: Pai, estou quitando a dívida de todo aquele que crê em mim.

(Colossenses 2:14) Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz.

O Filho de Deus tornou-se o nosso representante e fiador. Quando Jesus foi à cruz, Deus lançou sobre Ele a iniquidade de todos nós. Ele foi moído pelos nossos pecados e traspassado pelas nossas iniquidades.

Jesus pegou o escrito de dívida que era contra nós, anulou-o, rasgou-o, e o encravou na cruz.

Jesus deu um grande brado dizendo: Está consumado, tetelestai – está pago.

Aquele que crê no Senhor Jesus está quite com a lei de Deus, está quite com a justiça de Deus, ele não deve mais nada.

A nossa dívida foi paga por Jesus na cruz, e todo aquele que crê no Senhor Jesus tem a perfeita justiça de Cristo colocada em sua conta. Essa pessoa é justificada.

Cristo consumou a obra da redenção; por isso, para os que estão em Cristo Jesus, já não há condenação. Na cruz, Jesus nos justificou e nos perdoou, e também nos reconciliou com Deus, e nos deu a sua paz.

O Terceiro significado para a palavra Tetelestai: é um significado imobiliário

Quando alguém quitava a compra de um imóvel, chegava o momento de receber os seus direitos de posse. Ao ser emitida a escritura registrada, o documento recebia o carimbo Tetelestai, que significava: agora esta propriedade pertence a você para que possa desfrutá-la plenamente.

Ao bradar Tetelestai na cruz, Jesus estava dizendo: Pai, estou entregando a escritura registrada e quitada da vida eterna a todo aquele que crê em mim.

Quando alguém se arrepende de seus pecados e crer no Senhor Jesus, essa pessoa passa a ter direito e posse da vida eterna.

(João 3:36) Aquele que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece.

(João 6:47) Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna.

(1 João 5:12) Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.

A nossa redenção foi consumada na cruz do Calvário. Na cruz Jesus se fez redenção por nós. Redenção é preço pago para libertação, redenção é deixar alguém livre mediante o pagamento de um preço.

Fomos comprados não com prata e nem com ouro, mas com o precioso sangue de Jesus.

(1 João 2:2) E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo mundo.

Propiciação é um sacrifício que satisfaz a justiça de Deus. Jesus foi o sacrifício perfeito que satisfez plenamente a justiça de Deus.

Jesus foi o sacrifício perfeito que aplacou a ira de Deus. Na cruz Jesus bebeu o cálice da ira de Deus em nosso lugar.

Na cruz Jesus exclamou dizendo: Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes? Jesus foi desamparado pelo Pai por um momento, para que fôssemos amparados eternamente.

(Gálatas 3:13) Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.

Para que o pecador fosse salvo, era necessário um substituto que fosse, ao mesmo tempo, Deus e homem perfeito, totalmente livre de pecado. Por essa razão, o Filho de Deus se encarnou e assumiu a nossa culpa, manifestando-se como nosso perfeito representante e substituto na cruz.

(Romanos 4:25) O qual por nossos pecados foi entregue e ressuscitou para a nossa justificação.

A ressurreição de Cristo é a garantia de que Deus o Pai aceitou o sacrifício de seu Filho, em nosso lugar, em nosso favor.

É importante sabermos que a salvação tanto do Antigo Testamento, como no Novo Testamento, sempre foi pela fé em Cristo. Os que viveram antes de Cristo foram justificados pela fé da mesma maneira que somos justificados hoje pela fé.

Deus é o mesmo, e o método da salvação em ambas as dispensações também é o mesmo.

Os justos do Antigo Testamento foram salvos crendo no Cristo que haveria de vir. Nós somos salvos crendo no Cristo que já veio.

Quero concluir lembrando que o brado - Está consumado, não foi um grito de derrota. Foi o anúncio triunfal de que a nossa dívida foi paga.

O brado - Está consumado, foi a proclamação da vitória perfeita de Cristo.

Na cruz, Jesus declarou que a obra da redenção foi plenamente concluída; nada ficou pendente, nada precisa ser acrescentado.

O preço do pecado foi pago, a justiça de Deus foi satisfeita plenamente, e o caminho da reconciliação foi aberto. Descansemos na obra completa de Cristo.

Você que ainda não entregou sua vida a Jesus, entenda: você não pode salvar a si mesmo, mas Cristo já realizou na cruz a obra da redenção. Ele derramou seu precioso sangue para nos reconciliar com Deus.

Hoje, o convite da graça está diante de você. Não endureça o seu coração! Arrependa-se dos seus pecados. Venha a Cristo hoje! Descanse na obra completa daquele que morreu e ressuscitou para lhe dar a vida eterna.

A Sete Palavras da Cruz - (Lucas 23: 34)

Introdução

À luz das Escrituras, meditaremos sobre o tema: As sete palavras da cruz.

O Senhor Jesus foi crucificado entre dois malfeitores, cumprindo com precisão as Escrituras que já anunciavam que Ele seria **"contado com os transgressores" (Isaías 53:12)**.

A Escritura registra o momento exato do início da crucificação em **Marcos 15:25**: **"E era a hora terceira, e o crucificaram".** De acordo com a contagem do tempo na época, isso correspondia às nove horas da manhã daquela sexta-feira da Paixão, também conhecida como o Dia da Preparação.

O Filho de Deus estava sendo julgado como um criminoso. Contra Ele, levantaram duas acusações gravíssimas: blasfêmia contra Deus, segundo o tribunal religioso judaico, e conspiração contra César, perante o poder romano.

Assim, o poder religioso e o poder político uniram forças para condenar à morte de cruz o próprio Autor da vida.

Aquele que jamais pecou foi tratado como culpado; o Justo foi sentenciado como injusto.

Entretanto, nada ocorreu fora do soberano propósito divino, pois Cristo entregava-se voluntariamente para cumprir o plano da redenção.

Quando o Senhor Jesus foi pregado na cruz na hora terceira — permanecendo nela até a hora nona, das nove da manhã às três da tarde, conforme registram os Evangelhos —, Ele suportou dores intensas, sede profunda e extremo sofrimento.

Contudo, em vez de amaldiçoar seus algozes, manifestou graça, misericórdia e perfeita submissão ao Pai.

Naquele cenário de dor, a cruz tornou-se o palco da redenção, e dali o Salvador proferiu sete palavras que revelam o coração do Evangelho.

A primeira palavra proferida por Jesus na cruz foi a palavra do Perdão: *"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."* (**Lucas 23:34**)

Antes de ser crucificado, o Senhor Jesus foi cruelmente açoitado. Cuspiram em seu rosto, escarneceram d'Ele e o feriram, dizendo com zombaria: *"Profetiza-nos, ó Cristo, quem é o que te bateu?"* (**Lucas 22:64**).

Colocaram sobre a sua cabeça uma coroa de espinhos e, depois de o espancarem, conduziram-no ao Calvário, onde foi pregado na cruz.

Seu corpo estava dilacerado, sangrando e exausto; a dor era intensa, a sede abrasadora e o sofrimento indescritível.

Todavia, naquele cenário de extrema agonia, Jesus profere Sua primeira palavra: *"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem"*.

Em vez de juízo, Ele oferece intercessão; em vez de condenação, suplica perdão.

Jesus não apenas ora por seus executores, mas atenua-lhes a culpa ao declarar que agiam em ignorância. Que amor incomparável! Que graça superabundante! Que perdão glorioso concedido a pecadores indignos! É justamente por causa desse perdão que hoje temos uma viva esperança diante de Deus.

Destacamos aqui três verdades preciosas:

- **Primeiro:** Jesus não retribui o mal com o mal, mas vence o mal com o bem.
- **Segundo:** Jesus intercede ao Pai em favor daqueles que tramavam a sua morte.
- **Terceiro:** Jesus demonstra misericórdia ao reconhecer a ignorância espiritual de seus algozes.

A aplicação prática aqui é clara e necessária: devemos seguir o exemplo de Cristo. Assim como Ele perdoou aqueles que o crucificaram, nós também somos chamados a perdoar uns aos outros.

A segunda palavra proferida por Jesus na cruz foi a palavra da Salvação: *"Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso."* (**Lucas 23:43**)

A Escritura afirma em Mateus 27:44 que, inicialmente, ambos os salteadores crucificados com Jesus o injuriavam.

Entretanto, o relato de Lucas 23:40-42 revela que um deles foi alcançado por uma profunda convicção. Aquele homem, pendurado na cruz e à beira da eternidade, reconheceu a justiça de sua própria condenação ao declarar: *"Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam"*.

Ele também testemunhou a absoluta inocência de Cristo — *"mas este nenhum mal fez"* — e o reconheceu como Senhor e Rei, expressando sua fé no Salvador ao suplicar: ***"Jesus, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino"*.**

Vemos aqui um arrependimento sincero, uma fé verdadeira e uma esperança depositada unicamente no Senhor Jesus.

Diante da súplica daquele homem, Jesus pronunciou a segunda palavra da cruz, a palavra da salvação: ***"Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso".***

Aquele que fora um transgressor da lei recebeu, pela graça, a promessa da vida eterna. No último instante de sua existência terrena, ele foi salvo exclusivamente pela graça de Deus.

Dessa cena extraímos duas verdades preciosas:

• **Primeiro:** Ninguém que se volte a Cristo com arrependimento sincero será rejeitado. Como afirmou o próprio Senhor em João 6:37: *"O que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora".*

• **Segundo:** A salvação é exclusivamente pela graça de Deus. Aquele homem não possuía boas obras, pois vivera à margem da lei; e, ainda que as tivesse, elas jamais poderiam salvá-lo. Afinal, ninguém é justificado por obras, mas somente pela graça, mediante a fé em Jesus Cristo.

A terceira palavra proferida por Jesus na cruz foi a palavra do cuidado: *"Mulher, eis aí o teu filho... Eis aí a tua mãe."* (**João 19:26-27**)

Essa palavra expressa cuidado e responsabilidade mesmo em meio à dor profunda. Ao ver sua mãe e o

discípulo a quem amava junto à cruz, Jesus disse: *"Mulher, eis aí o teu filho"*; depois, disse ao discípulo: *"Eis aí tua mãe"*. E, desde aquela hora, o discípulo a recebeu em sua casa.

Provavelmente, José, marido de Maria, já havia falecido, e os irmãos de Jesus — Tiago, José, Simão e Judas — ainda não criam n'Ele, vindo a fazê-lo somente após a ressurreição.

Mesmo em meio às dores excruciantes da cruz, Jesus não estava voltado para si mesmo, mas para o próximo. Sua terceira palavra revela zelo, responsabilidade e honra filial. Jesus assegura amparo à sua mãe, demonstrando que a verdadeira espiritualidade jamais negligencia os deveres familiares. A cruz também nos ensina sobre o cuidado mútuo.

Aqui aprendemos uma verdade essencial para a saúde do lar: o cuidado mútuo. Filhos devem honrar e amparar seus pais; pais devem amar, instruir e acompanhar seus filhos.

Cuidar vai muito além de suprir necessidades materiais; envolve presença, atenção e dedicação sincera. Nenhum sucesso material compensa o fracasso da família, e jamais podemos edificar o sucesso profissional sobre os escombros do lar.

Jesus nos ensina a ordenar corretamente as nossas prioridades: primeiro Deus, depois a família e, por fim, as demais coisas.

A primeira palavra da cruz foi de perdão; a segunda, de salvação; a terceira, de cuidado. E, agora, contemplaremos a quarta palavra da cruz.

A quarta palavra proferida por Jesus na cruz foi a palavra do desamparo: *"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"* (**Mateus 27:46**)

Naquele momento crucial da cruz, Jesus foi feito pecado por nós e levou sobre si a maldição que nos era devida. A Escritura declara que Ele *"levou em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro"* (**1 Pedro 2:24**).

Deus, em sua justiça santa, puniu o pecado em seu próprio Filho, que se ofereceu como nosso Substituto.

Por isso, por volta da hora nona, Cristo clamou em alta voz: *"Eli, Eli, lamá sabactâni?"*, que significa: *"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"*.

O Pai não o amparou naquele instante porque sobre o Filho estava o peso esmagador da nossa culpa. Como profetizou **Isaías 53:10**: ***"Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar".*** Jesus bebeu o cálice da ira de Deus em nosso lugar.

Aqui está o coração do Evangelho: Deus permaneceu justo e, ao mesmo tempo, tornou-se o justificador daquele que tem fé, porque Cristo satisfez plenamente as exigências da Lei.

Se Jesus tivesse descido da cruz, não haveria salvação. Ele foi desamparado pelo Pai para que fôssemos amparados por Deus eternamente. A salvação é gratuita para nós, mas custou o sangue e a vida do Filho de Deus.

Compreender o preço pago na cruz nos leva a valorizar, com santo temor e profunda gratidão, tão grande salvação.

A quinta palavra proferida por Jesus na cruz foi a palavra da agonia física: *"Tenho sede."* (**João 19:28**)

Ao bradar essa palavra, Jesus revelou a realidade de sua verdadeira humanidade. Em vez de aliviarem seu sofrimento com água, ofereceram-lhe vinagre, intensificando ainda mais a sua aflição e cumprindo com exatidão as Escrituras, como profetizado no **Salmo 69:21**: **"Na minha sede me deram a beber vinagre".**

Naquele momento, o Criador do universo sofria de maneira única e incomparável. Ele não estava apenas suportando as dores físicas da crucificação, mas carregando sobre si o peso dos pecados da humanidade.

Os dois malfeitores crucificados ao seu lado sofriam por seus próprios crimes; Cristo, porém, sofria pelos pecados de outros. Seu sofrimento foi único porque era vicário e redentor.

Na cruz, Jesus sofreu **fisicamente**, suportando as dores do suplício e da desidratação; sofreu **moralmente**, enfrentando a zombaria e o desprezo público; e sofreu **espiritualmente**, ao carregar a culpa da humanidade e experimentar a separação do Pai.

A sexta palavra proferida por Jesus na cruz foi a palavra do Triunfo e da Vitória: *"Está consumado."* (**João 19:30**)

Ao declarar essas palavras, Jesus proclama que a obra da redenção foi plenamente realizada. No original grego, a expressão utilizada é ***Tetelestai***, um termo comercial e jurídico que carrega o significado de algo concluído, e pago integralmente.

Cristo afirmou que cumpriu com perfeição a missão que o Pai Lhe confiara: oferecer-se em sacrifício definitivo pelos nossos pecados. A dívida impagável que pesava contra nós foi totalmente quitada; absolutamente nada ficou pendente. Na cruz, a nossa culpa foi cancelada e a justiça perfeita de Cristo foi imputada a todo aquele que n'Ele crê.

O pecador arrependido é justificado e liberto de uma vez por todas da condenação eterna.

A sétima palavra proferida por Jesus na cruz foi a palavra de Confiança e Entrega: *"Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito."* (**Lucas 23:46**)

A obra de Jesus estava plenamente realizada. Imediatamente após declarar *"Está consumado"*, Jesus *entregou o seu espírito* ao Pai.

Cristo realmente morreu, e morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, selando com fidelidade absoluta o plano eterno da redenção.

Jesus arrancou o aguilhão da morte e triunfou poderosamente sobre ela por meio de sua ressurreição gloriosa. Aquele que se entregou por nós ressurgiu dentre os mortos, tornando-se o nosso eterno, vitorioso e glorioso Redentor!

As sete palavras da cruz revelam a plenitude da obra redentora de Cristo. Nelas, contemplamos o perdão para os inimigos, a salvação para o pecador arrependido, o cuidado para com a família, a substituição no desamparo, a humanidade no sofrimento, a vitória na consumação e a confiança na entrega ao Pai.

Cada uma dessas palavras manifesta um aspecto glorioso do amor de Deus e do plano eterno da redenção. Assim, da primeira à sétima palavra, vemos com clareza que a cruz não foi um cenário de derrota, mas o palco do maior triunfo da história.

Ali, o Filho de Deus realizou absolutamente tudo o que era necessário para a nossa salvação.

Resta-nos, portanto, crer com convicção, agradecer com profunda devoção e viver unicamente para a glória de Deus!

Jesus, a nossa Páscoa - (1 Coríntios 5:7)

Introdução

Com a nossa atenção voltada ao texto bíblico, quero meditar sobre o tema: Jesus, a nossa Páscoa.

O texto bíblico de 1 Coríntios 5:7, nos conduz ao coração do Evangelho. Quando o apóstolo Paulo escreveu aos crentes de Corinto, ele estava lidando com uma igreja rica em dons espirituais, mas tragicamente pobre em santidade.

Havia um pecado tolerado no meio daquela igreja, um fermento de orgulho e imoralidade que ameaçava azedar e contaminar toda a congregação.

Para corrigir essa igreja tolerante com o pecado, Paulo aponta para o Calvário e faz uma declaração profunda: Cristo, nossa Páscoa foi sacrificado por nós.

A nossa Páscoa não é um feriado no calendário; é uma Pessoa. A nossa Páscoa é Jesus.

A mensagem da Páscoa proclama três verdades centrais e essenciais da fé cristã:

Primeiro: Cristo morreu pelos nossos pecados.
Segundo: Cristo ressuscitou para a nossa justificação.
Terceiro: Cristo voltará para buscar a sua igreja.

Na mensagem da Páscoa contemplamos o coração do Evangelho, pois a cruz não foi um acidente da história, mas o cumprimento do propósito de Deus.

A mensagem da Páscoa enfatiza que a morte de Cristo foi um ato de amor onde Ele se entregou voluntariamente como o Cordeiro de Deus, realizando a redenção que nenhuma obra humana poderia alcançar.

A Páscoa é um memorial de libertação, reconciliação e esperança futura.

Entretanto, ao longo do tempo, o sentido espiritual da Páscoa foi sendo obscurecido por símbolos comerciais que nada comunicam sobre o sacrifício de Cristo.

O que deveria apontar para a redenção passou a ser reduzido a consumo, trocando-se a profundidade da mensagem da cruz por costumes passageiros.

A Páscoa foi secularizada pelo comércio. Trocaram os símbolos. O cordeiro foi substituído pelo coelho. O sangue foi substituído pelo chocolate. A libertação do cativeiro foi substituída pelo consumismo.

A Páscoa para muitos tornou-se apenas uma ocasião para se comprar chocolates ou presentear alguém com os ovos recheados de bombons.

Quando a celebração da Páscoa perde o vínculo com a cruz e a ressurreição de Jesus, ela torna-se apenas um evento cultural vazio.

A Páscoa não é definida por tradições populares, mas pela obra consumada de Cristo na cruz do calvário.

Precisamos, com urgência, retornar às Escrituras para compreender que a verdadeira Páscoa está inseparavelmente ligada à morte e ressureição de Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Na Páscoa contemplamos não apenas um evento histórico, mas o sacrifício substitutivo do Filho de Deus em favor dos pecadores.

Contudo, a mensagem da Páscoa não termina na cruz; ela triunfa na gloriosa vitória da ressurreição de Cristo.

Cristo venceu a morte, garantindo redenção, esperança e nova vida a todo aquele que nele crê.

A Páscoa não é a celebração do consumo, mas sim a celebração da salvação. A verdadeira Páscoa anuncia a pessoa e a obra de Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

A Páscoa proclama o sangue precioso de Jesus que foi vertido na cruz para a purificação dos pecadores e a reconciliação com Deus.

A Páscoa nos lembra que o sacrifício de Jesus foi perfeito e suficiente. Ao mesmo tempo, exalta a vitória triunfante de Jesus sobre a morte ao ressuscitar dos mortos.

Em Cristo encontramos perdão, libertação e plena redenção. A Páscoa fala da morte e ressurreição de Jesus, o nosso Salvador. É uma mensagem de esperança; o brado de vitória sobre a morte.

À luz de 1 Coríntios 5:7, quero destacar três grandes verdades que a mensagem da Páscoa comunica. Mas, antes de tudo, vamos analisar:

O Significado Histórico e Profético: A sombra e a realidade

Para compreendermos a profundidade das palavras de Paulo, precisamos fazer uma viagem retrospectiva até o livro do Êxodo.

Naquela noite memorável no Egito, o povo de Deus estava sob o decreto da morte. O anjo da destruição passaria para ferir todos os primogênitos da terra.

A única rota de escape dada por Deus não era a moralidade dos israelitas, mas o sangue de um cordeiro aplicado nos umbrais das portas.

Foi no Egito que Deus instituiu a Páscoa como memorial da sua poderosa intervenção em favor de Israel.

A Páscoa é uma festa judaica que recorda a libertação do povo hebreu da escravidão no Egito, quando o Senhor manifestou o seu juízo e, ao mesmo tempo, a sua misericórdia. Juízo para os egípcios e misericórdia para os hebreus.

O sangue do cordeiro, aplicado nas portas, sinalizava proteção e redenção. Assim, desde o princípio, a Páscoa apontava para o livramento, a substituição e a graça.

Esse evento não foi apenas histórico, mas profético; ele preparava o entendimento para a redenção perfeita que se cumpriria em Cristo.

O nome, “**Páscoa**”, vem da palavra hebraica "**pessach**" que significa “passar por cima”. Era realizada no dia 14 do primeiro mês de nisã, ou abibe que seria o nosso mês de abril. (Números 9:5)

Podemos ligar a explicação histórica da Páscoa ao seu cumprimento em Cristo, lembrando que todas as figuras do Antigo Testamento encontram sua plenitude na pessoa de Jesus.

Enquanto a Páscoa judaica permanece como memorial histórico para Israel, a Igreja celebra o sacrifício perfeito de Cristo.

Para os cristãos, a Páscoa encontra seu significado definitivo em Jesus, cujo sangue nos livra da condenação eterna.

A primeira verdade que a mensagem da Páscoa comunica: O preço glorioso da nossa libertação

(1 Coríntios 5:7b) Porque Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós.

Cristo foi imolado. A palavra "imolado" aponta para um sacrifício substitutivo e definitivo.

A morte de Cristo não foi um acidente da história. Ele não sucumbiu ao poder de Roma, nem foi vencido pela traição de Judas, pela inveja do Sinédrio ou pela covardia de Pilatos.

Esses atos foram reais, mas tudo estava no plano soberano de Deus. A cruz não foi uma derrota; foi uma vitória!

Jesus caminhou voluntariamente para a cruz, consciente da missão que lhe fora confiada.

Na cruz, o nosso bendito Salvador carregou sobre si as nossas iniquidades. A ira de Deus que deveria cair sobre nós, caiu sobre Ele.

Jesus bebeu o cálice da ira de Deus até a última gota para que nós pudéssemos beber o cálice da sua graça.

Cristo não morreu como um simples mártir de uma causa nobre, mas como o Redentor prometido. Sua morte foi substitutiva, expiatória e eficaz. Ele tomou sobre si a culpa dos pecadores e satisfez plenamente a justiça de Deus, o Pai.

A morte de Cristo foi substitutiva. Ele morreu como nosso fiador e representante; morreu a nossa morte para nos dar a vida eterna.

A segunda verdade que a mensagem da Páscoa comunica: A vitória do cordeiro, a morte foi vencida.

Se a morte de Cristo não foi um acidente, sua ressurreição não foi uma surpresa. A morte não pôde detê-lo. Ele entrou nas entranhas da morte, arrancou o seu aguilhão, venceu a morte ao ressurgir vitoriosamente.

A ressurreição de Cristo, quanto ao passado, é um fato histórico comprovado; quanto ao presente, é o fundamento vivo da fé cristã; e, quanto ao futuro, é a nossa bendita esperança.

A ressurreição de Jesus veio como o selo de garantia de que a dívida foi paga! A justiça foi satisfeita, a lei foi cumprida e o diabo foi derrotado.

A ressurreição de Jesus é a garantia de que a morte foi vencida de modo definitivo.

Cristo ressuscitou como as primícias dos que dormem, assegurando que a sepultura não tem a última palavra.

Jesus ressurgiu dos mortos, e no futuro próximo, todos os mortos ouvirão a sua voz e sairão dos túmulos; uns para a ressurreição da vida e outros para a ressurreição da condenação.

Não precisamos mais ter medo da morte, pois, para o cristão, morrer é deixar o corpo e habitar com o Senhor.

A morte não tem mais a última palavra; ela foi tragada pela vitória! Agora, os que morrem no Senhor são bem-aventurados, e a ressurreição de Cristo é a garantia da nossa ressurreição no futuro.

A terceira verdade que a mensagem da Páscoa comunica: é uma aplicação prática, lançai fora o fermento velho.

(1 Coríntios 5:7a) Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento.

Muitas pessoas querem o Cordeiro da Páscoa para salvá-las, mas não querem o pão asmo sem fermento para santificá-las.

Paulo argumenta com uma lógica esmagadora: se a nossa Páscoa já foi sacrificada, a nossa vida agora precisa ser uma festa contínua de santidade.

Na tradição judaica, antes da Páscoa, as famílias vasculhavam cada canto da casa com uma vela para garantir que não houvesse uma única migalha de fermento. Na Bíblia, o fermento é quase sempre um símbolo do pecado, da malícia, da hipocrisia e da corrupção.

Para entendermos a urgência do chamado à santidade, o apóstolo Paulo utiliza uma ilustração muito comum no dia a dia daquela época, porém profundamente rica em significado espiritual: a figura do fermento.

O fermento opera secretamente: O pecado começa escondido, nos pensamentos, nas intenções do coração.

O fermento cresce progressivamente: Um pouco de fermento leveda toda a massa. Um pecado não tratado destrói uma vida, destrói um casamento, contamina uma igreja.

O fermento corrompe totalmente: Ele altera a natureza daquilo que toca.

Por isso, a ordem de Paulo é urgente: Lançai fora o fermento velho! Deus está chamando a sua Igreja ao arrependimento; Ele nos chama a romper com a prática do pecado.

Quero concluir dizendo que, à luz dessa verdade, somos chamados a refletir seriamente. Não viva na prática do pecado! Não permita que o velho fermento afaste você da presença de Deus. Viva em sinceridade e em verdade.

Examine o seu coração: se você ainda carrega o peso da culpa, olhe agora para Jesus! O Cordeiro de Deus já foi sacrificado por nós.

O sangue de Jesus tem poder para apagar o seu passado, perdoar os seus pecados e fazer de você uma nova criatura.

Venha a Cristo hoje mesmo!

O Desamparo no Calvário - (Mateus 27:46)

Introdução

À luz das Escrituras, meditaremos em um tema profundo e glorioso: O Desamparo no Calvário.

A mensagem da cruz não é um assunto lateral ou secundário, mas é o coração do Evangelho. No Calvário, a justiça de Deus foi plenamente satisfeita e, ao mesmo tempo, o amor de Deus foi revelado.

Deus não poupou o seu próprio Filho, antes o entregou por todos nós. Na cruz de Cristo, encontramos perdão, reconciliação e libertação. Olhar para a cruz é enxergar a profundidade do amor e da justiça de Deus.

Deus não nos amou porque viu algo de bom em nós, mas nos amou quando éramos fracos, ímpios, pecadores e inimigos.

A maior prova desse amor está registrada em: **Romanos 5:8, Mas Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores.**

Voltando a nossa atenção para as Escrituras, veremos a seguir a rejeição, o abandono, o desprezo e o desamparo que Jesus sofreu.

Em primeiro lugar: Jesus foi rejeitado pelos líderes religiosos de Israel.

(João 1:11) Veio para o que era seu, e os seus não o receberam.

Os que conheciam as Escrituras — os principais sacerdotes, os escribas e os fariseus — foram justamente os que rejeitaram Jesus.

Esses homens compunham a elite espiritual de Israel que exercia autoridade no Sinédrio, o supremo tribunal religioso judaico. Embora estudassem a Lei e aguardassem o Messias, não reconheceram o cumprimento das profecias diante de seus próprios olhos.

Os líderes religiosos zombaram de Jesus na cruz, dizendo: **Salvou os outros, e a si mesmo não pode salvar-se. (Mateus 27:41-42)**

Aqueles que deveriam conduzir o povo à verdade tornaram-se instrumentos de rejeição.

Assim, cumpriu-se com precisão o que está escrito no **Salmo 118:22**, **A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se a cabeça da esquina.**

Este versículo é uma das profecias messiânicas mais importantes do Antigo Testamento. Para compreendê-la, precisamos olhar para a metáfora da construção civil da antiguidade:

• **Os Edificadores:** Representam as autoridades religiosas, os líderes de Israel, os escribas e os fariseus. Eles eram os responsáveis por "construir" a vida espiritual da nação.

• **A Pedra Rejeitada:** Representa Jesus. Ao olharem para Ele — um homem simples de Nazaré, que andava com pecadores e desafiava o sistema religioso —, os líderes o rejeitaram.

• **A Cabeça da esquina ou pedra angular**: Era a pedra mais importante de uma construção antiga. Ela ficava na base da estrutura, unindo duas paredes e determinando o alinhamento de todo o prédio. Se essa pedra estivesse errada, o edifício inteiro desabaria.

A rejeição dos homens não foi capaz de frustrar os planos de Deus; os líderes religiosos acharam que estavam enterrando um homem, mas Deus estava assentando a base inabalável da nossa salvação.

Em segundo lugar: Jesus foi abandonado pelos seus discípulos.

Aqueles que caminharam perto de Jesus também falharam. No momento em que Ele foi preso no Getsêmani, o medo prevaleceu, dominando os

discípulos, que o abandonaram e o deixaram completamente sozinho.

(Mateus 26:56b) Então, todos os discípulos, deixando-o, fugiram.

O abandono dos discípulos, no entanto, não foi uma surpresa, pois já havia sido profetizado pelo próprio Jesus. Ele mesmo já os havia alertado dizendo: **Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim, porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão. (Mateus 26:31)**

No momento da prisão, a aparente lealdade dos discípulos dissolveu-se, e Cristo entrou sozinho em sua hora mais escura. O Pastor foi ferido e as ovelhas se dispersaram; todavia, a fragilidade dos discípulos apenas destacou a firmeza inabalável do Salvador.

Jesus não foi apenas rejeitado pelos líderes religiosos de Israel, nem tampouco abandonado somente pelos seus discípulos. Como veremos a seguir, Ele foi também profundamente desprezado pelo povo.

Em terceiro lugar: Jesus foi desprezado pelo povo

A multidão que antes o seguia por causa dos milagres agora se afastava com indiferença e desdém.

A mesma multidão que, na entrada triunfal em Jerusalém, clamou: **"Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!",** pouco tempo depois, diante de Pilatos, trocou o louvor pelo ódio e gritou furiosamente: **Crucifica-o! Crucifica-o!**

Aqueles que haviam celebrado Jesus como Rei agora o desprezavam, tratando-o como o pior dos criminosos.

Contudo, mesmo cercado pelo desprezo da multidão, Jesus prosseguiu firme, pois a sua missão não dependia do aplauso das pessoas.

O Filho de Deus foi desprezado pelas multidões, cumprindo com exatidão a profecia de **Isaías 53:3**, **Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens, homem de dores, e experimentado nos trabalhos; e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum.**

Em vez de gratidão por seus feitos, a multidão ofereceu-lhe zombaria; o inocente foi tratado como culpado.

O povo rejeitou o único que podia salvá-lo, revelando a terrível profundidade do pecado no coração humano. Contudo, o escárnio dos homens não impediu Jesus de manifestar a sua graça: mesmo cercado de insultos, Cristo permaneceu fiel ao plano do Pai, carregando sobre si o peso das nossas transgressões e seguindo firme em oferecer salvação.

Em quarto lugar: Jesus foi desamparado pelo Pai

Depois de ter sido rejeitado pela liderança religiosa, abandonado pelos discípulos e desprezado pela multidão, Jesus chega ao ápice do seu sofrimento na cruz: Ele foi desamparado pelo Pai.

(Mateus 27:46) E, perto da hora nona, exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactani, isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Naquele momento o sol escondeu o seu rosto e as trevas cobriram a terra. Cristo Se fez pecado por nós; Ele foi feito maldição em nosso lugar. O Pai, em sua santidade e justiça, puniu o nosso pecado n'Ele.

Jesus bebeu sozinho, até a última gota, o cálice da ira de Deus.

O Pai desamparou o seu Filho amado por um momento na cruz para que, por meio desse sacrifício perfeito, nós fôssemos amparados e acolhidos por Ele para sempre.

Na cruz, a Escritura se cumpriu com precisão: **"Mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Isaías 53:6b).**

No Calvário, Cristo não apenas suportou a dor física e a zombaria dos homens; Ele carregou o peso esmagador de todos os nossos pecados.

Jesus tomou o nosso lugar, recebendo sobre si o que nós merecíamos. Ele se fez pecado por amor a nós, como está escrito em **2 Coríntios 5:21a: Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós.**

Na cruz, o amor e a justiça de Deus não entraram em conflito, mas se manifestaram juntos em perfeita harmonia: a ***justiça*** exigia que a maldição do pecado fosse punida, e o ***amor*** providenciou o próprio Filho para sofrer essa punição em nosso lugar.

A Escritura confirma essa verdade em **Gálatas 3:13, Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.**

Esse versículo afirma que Jesus assumiu sobre si a consequência da maldição que o pecado trouxe sobre a humanidade.

A "**maldição da lei**" refere-se à penalidade justa que a Lei de Deus impunha à transgressão: a morte, e a separação eterna de Deus.

A Lei de Deus exigia a morte para o pecador. Como a humanidade caída não tinha como pagar essa dívida sem ser destruída, Cristo colocou-se voluntariamente debaixo da sentença da lei para receber o golpe que deveria cair sobre nós.

Diante do mistério do abandono de Cristo na cruz, uma pergunta ecoa ao longo da história: por que o Filho foi desamparado pelo Pai?

A resposta está na doutrina da substituição penal. Jesus tomou o lugar dos pecadores.

Cristo pagou a penalidade por toda a humanidade. Essa punição penal substitutiva não teve um alcance limitado.

A Escritura nos assegura em **1 João 2:2** que Cristo ofereceu um sacrifício perfeito por toda a raça humana: **E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo.**

(1 Timóteo 2:6) O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo.

(Tito 2:11) Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens.

A manifestação da graça de Deus a todos os homens não significa que todas as pessoas serão salvas de forma automática.

Rejeitamos categoricamente o chamado Universalismo — uma falsa doutrina que ensina que, no fim, todas as pessoas serão salvas, independentemente de suas escolhas.

Jesus Cristo morreu por todos; o seu sacrifício na cruz teve valor infinito e foi abundante o suficiente para pagar os pecados de toda a raça humana. Todavia, apenas os que creem serão salvos.

A salvação oferecida a todos precisa ser recebida individualmente por meio da fé.

A Bíblia estabelece a fé em Cristo como a condição indispensável para a apropriação dos benefícios da redenção.

Quem rejeita a Cristo não desfruta da salvação que Ele conquistou. Como diz **João 3:36, Aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece.**

Jesus assumiu voluntariamente a nossa culpa. No instante em que Ele carregou as nossas transgressões na cruz, Deus, o Pai, puniu o nosso pecado em seu próprio Filho.

A ira de Deus, que deveria nos atingir por causa das nossas rebeliões, desabou inteiramente sobre Jesus no Calvário, pois Ele se tornou o nosso legítimo representante e substituto, por isso Jesus foi desamparado pelo Pai na cruz.

O desamparo que Jesus experimentou da parte do Pai não foi um abandono definitivo; foi um momento passageiro, porém absolutamente necessário para que a justiça de Deus fosse plenamente satisfeita.

O Pai desamparou o seu Filho por um instante para que eu e você fôssemos amparados eternamente.

Quero concluir dizendo que, após Jesus entregar o seu espírito ao Pai, o povo deixou o Calvário batendo no peito e lamentando profundamente. Todavia, hoje nós sabemos que a cruz não foi uma derrota; ela é o nosso maior triunfo!

Na cruz, Jesus nos justificou, perdoou e nos reconciliou com Deus, dando-nos a sua perfeita paz. A obra de Cristo marca a nossa morte para o pecado e o glorioso início de uma nova vida.

Eu conclamo você a entregar a sua vida hoje mesmo a Jesus. Ele é o único Salvador.

A única maneira de ser reconciliado com Deus é por meio do Senhor Jesus Cristo.

Sem Jesus, o ser humano permanece debaixo da maldição da lei, caminhando rumo à perdição eterna.

A Palavra de Deus nos alerta em **João 3:18, Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus.**

Venha a Cristo hoje mesmo e receba o amparo de Deus.

O perigo de participar da Santa Ceia indignamente (1 Coríntios 11: 17-34)

Introdução

Quero convida-los a meditar sobre o tema: O perigo de participar da Santa Ceia indignamente.

Para compreendermos a advertência do apóstolo Paulo, precisamos descer aos porões da história da cidade de Corinto.

Corinto era uma cidade rica, mas afundada na libertinagem moral. Infelizmente, a cultura de Corinto havia invadido a igreja.

Na igreja primitiva, a Santa Ceia era celebrada dentro de um banquete comunitário, chamado de Festa Ágape, a festa do amor. Contudo, em Corinto, esse momento sagrado havia se transformado em um escândalo.

O que estava acontecendo nessa festa?

• **Eles se ajuntavam para pior.** Paulo escreve:

Nisto, porém, que vou dizer-vos, não *vos* louvo, porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior. (1 Coríntios 11: 17)

• **Eles se reuniam, mas não havia harmonia no meio deles.** Paulo diz:

(1 Coríntios 11: 18) Porque, antes de tudo, ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio.

As divisões na igreja de Corinto haviam chegado a proporções alarmantes. Além do culto à personalidade em torno de alguns líderes (1 Co 1:12), agora Paulo mostra que os crentes estavam indo à igreja e voltando para casa piores.

• **Eles participavam dos elementos da Ceia, mas não era a Ceia do Senhor que eles celebravam.** Paulo afirma:

(1 Coríntios 11: 20) De sorte que, quando vos ajuntais num lugar, não é para comer a Ceia do Senhor.

O que estava acontecendo em Corinto era uma tragédia espiritual: eles haviam transformado o memorial mais sagrado do cristianismo em uma cerimônia totalmente mecânica, vazia e sem vida.

Exteriormente, eles cumpriam a liturgia — pegavam o pão, levantavam o cálice, mas interiormente, faltava o principal: o amor, a reverência e o temor a Deus.

Eles celebravam um culto externo, que não passava de uma cerimônia sem vida.

- **Eles desprezavam a Igreja de Deus e envergonhavam os pobres e fazia acepção de pessoas.**

(1 Coríntios 11: 22) Não tendes, porventura, casas para comer e para beber? Ou desprezais a igreja de Deus e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisso não vos louvo.

Na Festa Ágape os membros ricos chegavam mais cedo, traziam comidas finas e banquetes fartos e comiam entre si. Os mais pobres chegavam mais tarde e não encontravam nada. Enquanto alguns passavam fome, outros se fartavam.

- **Eles se entregavam a excessos dentro da igreja e bebiam a ponto de chegar à embriaguez na Festa do Amor, antes da celebração da Ceia.**

(1 Coríntios 11: 21) Porque, comendo, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e assim um tem fome, e outro embriaga-se.

O memorial do sacrifício de Cristo havia sido rebaixado a uma festividade puramente carnal, onde muitos chegavam a se embriagar.

A grave consequência de profanar a Ceia do Senhor foi o juízo de Deus sobre aquela igreja: muitos se tornaram fracos, outros ficaram doentes e não poucos já haviam morrido.

(1 Coríntios 11: 30) Por causa disso, há entre vós muitos fracos e doentes e muitos que dormem.

Quem participa da Santa Ceia indignamente, come e bebe para a sua própria condenação.

(1 Coríntios 11: 29) Porque o que come e bebe indignamente come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor.

Participar indignamente da Ceia é ir à mesa do Senhor em estado de rebeldia e pecado não arrependido.

É alimentar contendas, orgulho, fofocas, egoísmo e desprezo pelos irmãos — exatamente como os ricos faziam com os pobres em Corinto. Significa transformar o maior memorial da graça em um ato puramente mecânico e sem temor a Deus.

Quem participa da Santa Ceia indignamente será culpado do corpo e do sangue do Senhor.

(1 Coríntios 11: 27) Portanto, qualquer que comer este pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.

Esta é uma das expressões mais graves de todo o Novo Testamento. No grego antigo, a expressão ser culpado do sangue de alguém era um termo jurídico que significava cometer homicídio.

Paulo está dizendo que quem participa da Ceia de forma irreverente, brincando com o pecado, não está apenas cometendo uma pequena falha; essa pessoa está se tornando corresponsável pela crucificação de Cristo.

É como se a pessoa estivesse cuspindo no sacrifício, zombando da cruz e dizendo que o sangue de Jesus não tem valor. O participante irreverente une-se espiritualmente aos soldados romanos e aos líderes religiosos que zombaram, rejeitaram e assassinaram o Filho de Deus.

Em vez de receber os benefícios do sacrifício, ele assume a culpa do crime cometido contra o Salvador.

Para não sermos culpados do corpo e do sangue do Senhor, nem participarmos da Santa Ceia para a nossa própria condenação, devemos observar os princípios da Palavra de Deus.

A Ceia do Senhor proclama quatro verdades essenciais da fé cristã. Destacaremos, a seguir, os ensinamentos do apóstolo Paulo sobre este memorial, os quais devemos observar sempre que nos reunimos ao redor da mesa do Senhor.

Devemos olhar para trás, contemplando o sacrifício de Cristo. Devemos olhar para frente, aguardando a vinda de Cristo.

Devemos olhar para dentro de nós, realizando um sincero autoexame. Devemos olhar ao nosso redor, discernindo o corpo do Senhor e preservando a comunhão com os irmãos.

A fim de obtermos uma compreensão mais profunda, analisaremos a seguir as quatro verdades essenciais que nos orientam a participar dignamente da mesa do Senhor.

A primeira verdade essencial: Devemos olhar para trás

Quando participamos da Ceia, devemos olhar para trás, para a cruz de Cristo. Conforme ensina **1 Coríntios 11:23-24: Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão. E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim.**

A Ceia é, portanto, um memorial precioso do sacrifício de Jesus. Ele ordenou que a igreja jamais se esquecesse de sua morte.

Diante disso, devemos sempre nos lembrar: por que Cristo morreu? Por nossos pecados! Como Cristo morreu? Em sacrifício substitutivo! E por quem Cristo morreu? Por pecadores indignos!

Ao participar da Santa Ceia, recordamos que o Senhor Jesus levou em seu corpo, sobre o madeiro, as nossas transgressões; Ele assumiu a nossa culpa, tomou o nosso lugar e, com seu sangue vertido, nos comprou para Deus, pagando o preço definitivo pela nossa libertação.

Na celebração da Ceia, recordamos que Jesus foi a propiciação pelos nossos pecados: o sacrifício perfeito que satisfez plenamente a justiça de Deus, o Pai.

A Santa Ceia nos conduz diretamente ao Calvário. Ela aponta com precisão para o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

A segunda verdade essencial: Devemos olhar para frente

Quando participamos da Ceia do Senhor, não olhamos apenas para trás, mas também olhamos para frente, aguardando com esperança a vinda de Jesus. O apóstolo Paulo afirma essa verdade em**: (1 Coríntios 11:26)**

Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha.

A Ceia é, portanto, um memorial precioso do sacrifício de Jesus, mas também uma proclamação da nossa esperança futura.

Ela funciona como o elo perfeito entre as duas vindas de Cristo: ao mesmo tempo em que olhamos para trás, recordando sua morte expiatória, olhamos para a frente, renovando a certeza de sua gloriosa volta.

A segunda vinda do Senhor é a bendita esperança da Igreja, e a Ceia nos lembra constantemente de que o Salvador que morreu por nós em breve voltará.

A terceira verdade essencial: Devemos olhar para dentro

Quando participamos da Ceia do Senhor, não devemos olhar apenas para trás, em direção à cruz, ou para a frente, aguardando a volta de Cristo; devemos também olhar para dentro de nós mesmos.

O apóstolo Paulo adverte em **(1 Coríntios 11:28) Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão, e beba deste cálice.**

O autoexame sincero é a condição que precede a participação na Ceia do Senhor. Examinar-se é sondar as profundezas da alma, é submeter a própria conduta

ao crivo da Palavra de Deus e confessar os pecados com contrição e arrependimento. Não devemos fugir da Ceia por causa do pecado; antes, devemos fugir do pecado por causa da Ceia.

Se participamos da Santa Ceia ignorando essa sondagem interior, tolerando o pecado e a falta de arrependimento, atraímos o juízo de Deus para a nossa própria vida.

A quarta verdade essencial: Devemos olhar ao nosso redor

Quando participamos da Ceia do Senhor, olhamos para trás, contemplando o sacrifício de Cristo; olhamos para a frente, aguardando a Sua segunda vinda; olhamos para dentro de nós, em um sincero autoexame; e, finalmente, devemos olhar ao nosso redor.

O apóstolo Paulo escreveu em **(1 Coríntios 11:33) Portanto, meus irmãos, quando vos ajuntais para comer, esperai uns pelos outros.**

Paulo ensina que a Ceia do Senhor exige unidade, amor fraternal e comunhão entre os irmãos. Ela é o momento de comunhão com Cristo, mas também com os irmãos.

Por essa razão, não podemos nutrir mágoa, ressentimento ou ódio no coração, pois isso fere frontalmente o propósito da Ceia do Senhor.

Participar da Ceia do Senhor é um privilégio extraordinário, mas também uma enorme responsabilidade.

Quero concluir dizendo que a Ceia do Senhor nos conduz, primeiramente, ao passado: à cruz do Calvário, onde Cristo entregou a sua vida por nós.

A Ceia do Senhor também nos direciona ao presente, pois Cristo se faz presente no meio do seu povo, fortalecendo a fé e a comunhão daqueles que nele creem.

Por fim, a celebração da Ceia aponta para o futuro, pois, ao anunciarmos a morte do Senhor até que Ele venha, renovamos a nossa bendita esperança na segunda vinda de Cristo.

A Ceia do Senhor nos convida a uma reflexão profunda e sincera. Olhe para trás e contemple o sacrifício de Cristo.

Olhe para a frente e renove a esperança na vinda de Jesus.

Olhe para dentro de si e examine o seu próprio coração.

Olhe ao seu redor e valorize a comunhão com os irmãos.

Os Padecimentos de Cristo - (Isaías 53:1-12)

Introdução

Quero convidá-los a refletir sobre o tema: Os padecimentos de Cristo, o Servo sofredor.

O capítulo 53 do Livro do profeta Isaías é uma das mais profundas profecias acerca do Messias.

Escrito cerca de setecentos anos antes do nascimento de Cristo, o profeta Isaías descreveu com riqueza de detalhes os sofrimentos de Cristo.

O texto revela não apenas a dor física, mas o peso espiritual que Ele carregaria. Ao contemplarmos essa passagem, somos conduzidos ao Calvário e compreendemos que nada do que aconteceu com Jesus foi por acaso. Seus padecimentos foram parte do plano redentor de Deus.

A Escritura relata que Cristo, o Filho de Deus, deixou a Sua glória e o Seu trono, esvaziou-se e tornou-se homem. Foi perseguido, preso, açoitado, cuspido e pregado na cruz. Sendo Deus, fez-se homem; sendo Senhor, fez-se servo; sendo Santo, levou sobre si o pecado; sendo bendito, fez-se maldição; e, sendo o Autor da vida, entregou a sua própria vida.

O texto de Isaías 53 revela, com profunda clareza profética, os padecimentos do Messias prometido.

Antes, porém, de considerarmos o que Jesus sofreu e suportou, impõe-se uma pergunta essencial à luz das Escrituras Sagradas: quem levou Jesus à cruz?

A morte de Cristo não foi determinada por fatores circunstanciais.

Cristo não foi morto porque os sacerdotes o prenderam, porque o Sinédrio o sentenciou, porque Pilatos o entregou, porque os judeus o acusaram, porque Judas o traiu, porque Pedro o negou, porque os soldados o pregaram na cruz. Quem, afinal, levou Jesus à cruz?

Com a nossa atenção voltada para o texto de Isaías 53, quero destacar três verdades fundamentais.

Em primeiro lugar, foram os nossos pecados que levaram Jesus à cruz.

• Isaías 53:5a – "Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades".

• Isaías 53: 8b – "Porquanto foi cortado da terra dos viventes e pela transgressão do meu povo, foi ele atingido".

• Isaías 53:12c – "Mas ele levou sobre si o pecado de muitos".

Os versículos mencionados mostram claramente que os nossos pecados levaram Jesus à cruz. Ele morreu por nossas ofensas e foi moído por nossas transgressões.

Na cruz, Jesus fez-se pecado por nós; a espada da lei caiu sobre Ele, pois Ele era o nosso substituto e representante.

Em segundo lugar, o Pai levou Jesus à cruz.

• Isaías 53:4b – "e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido".

• Isaías 53:6b – "O Senhor fez cair sobre ele à iniquidade de todos nós".

• Isaías 53:10a – "Todavia, ao Senhor agradou moê-lo, fazendo-o enfermar".

Jesus não foi à cruz simplesmente porque a multidão gritou: Crucifica-o! Crucifica-o!

Ele não foi à cruz porque os sacerdotes o entregaram por inveja, porque Judas o traiu por ganância, porque Pilatos o sentenciou por covardia e os soldados o pregaram por crueldade. Jesus foi à cruz porque o Pai o entregou por amor.

Em terceiro lugar: Jesus foi voluntariamente à cruz.

• Isaías 53:4a – “Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si”.

• Isaías 53:10b – “quando a sua alma se puser por expiação do pecado”.

• Isaías 53:11 – “O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito, com o seu conhecimento o meu servo, o Justo, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si”.

O texto de Isaías 53 mostra claramente que os nossos pecados levaram Jesus à cruz, que o Pai o entregou por amor e que Ele, voluntariamente, se entregou por nós.

Tendo compreendido quem levou Jesus à cruz, passaremos a examinar, a seguir, os padecimentos de Cristo.

Que tipo de dores e aflições Cristo suportou?

Para uma melhor compreensão do ensino de Isaías 53, destacamos três pontos fundamentais acerca das aflições de Cristo.

Em primeiro lugar, Jesus sofreu rejeição e foi desprezado.

Isaías 53:3a “Era desprezado e o mais indigno entre os homens”.

O texto bíblico declara que o sofrimento de Cristo não despertou compaixão nos homens. O Santo Filho de Deus foi alvo de desprezo, enfrentando a dor da rejeição humana: Ele foi rejeitado, ignorado e tratado como alguém sem valor.

Essa rejeição partiu de seu próprio povo, como bem afirma a Escritura: **Veio para o que era seu, mas os seus não o receberam. (João 1:11)**

Jesus foi rejeitado pelas autoridades judaicas. O Sinédrio forjou testemunhas falsas para o acusar de blasfêmia; insultaram, rotulando-o de fanático, mentiroso, blasfemo, pecador, beberrão e até mesmo endemoninhado.

Jesus foi rejeitado pela mesma multidão que o havia aplaudido, empolgada com os seus milagres; agora, essa mesma multidão gritava diante de Pilatos: Crucifica-o! Crucifica-o!

Jesus foi rejeitado pelas autoridades romanas e políticas de Sua época. Herodes, o Grande, tentou matá-lo quando ainda era criança. Pilatos, covardemente, o entregou para ser crucificado, enquanto Herodes Antipas escarneceu d'Ele.

Em segundo lugar, Jesus foi profundamente humilhado.

Isaías 53:3b "Como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizeram dele caso algum".

O Santo Filho de Deus sofreu o peso da humilhação pública. O Sinédrio humilhou Jesus cuspindo em seu rosto.

Os soldados humilharam Jesus ao rasgarem o seu corpo com fortes açoites, ao colocarem sobre a sua cabeça uma coroa de espinhos.

Jesus foi humilhado ao ter que carregar a cruz pelas ruas agitadas de Jerusalém, caminhando para ser crucificado ao lado de dois ladrões. Jesus foi humilhado pela multidão ao pé da cruz.

Em terceiro lugar: Jesus sofreu no corpo; Ele suportou o ápice da dor física e do sofrimento cruel.

Isaías 53:5a "Mas ele foi ferido".

O corpo de Jesus foi ferido. Ele ficou ensanguentado. Seu corpo tornou-se cheio de hematomas e chagas. Poderiam contar todos os seus ossos. (Salmos 22:17)

Na noite em que o Senhor Jesus foi preso, sua alma estava angustiada até a morte. Sendo o Libertador, foi preso; sendo Santo, foi tratado como criminoso; sendo o Criador, foi cuspido pela criatura.

Jesus foi açoitado cruelmente pelos soldados romanos, tendo o seu corpo dilacerado e a sua fronte ferida pela coroa de espinhos. Com o rosto ensanguentado, iniciou a caminhada para o Calvário, carregando sobre os ombros a cruz — o instrumento de sua própria morte.

Entre zombarias, quedas e empurrões, Jesus prosseguiu firme, suportando dores intensas, mas determinado a cumprir a vontade do Pai.

No Calvário, suas mãos e pés foram cravados na cruz. Durante seis horas, Ele esteve suspenso entre o céu e a terra, suportando sede, dor, vergonha e abandono.

Para compreendermos o sofrimento que Jesus suportou, é necessário entender o conceito de ferimento. Se recorrermos à definição de um médico cirurgião, descobriremos que os ferimentos podem ser classificados segundo as suas características:

Contusão: lesão produzida por um instrumento sem corte.

Esse tipo de ferimento resultou dos golpes com vara desferidos contra Jesus, conforme profetizado em Miqueias 5:1, “Ferirão com a vara no queixo ao juiz de Israel”.

O cumprimento dessa profecia está registrado em **Mateus 27:30, E, cuspindo nele, tiraram-lhe a cana, e batiam-lhe com ela na cabeça.**

Laceração: ferimento produzido por um instrumento que rasga os tecidos.

No corpo de Jesus, as lacerações foram o resultado terrível do flagelo romano, executado com um chicote composto por tiras de couro que traziam, em suas extremidades, ponteiras de metal e pedaços de ossos pontiagudos.

Essa crueldade está registrada em **João 19:1, Pilatos, pois, tomou então a Jesus e mandou açoitá-Lo.**

Como consequência, o corpo de Jesus foi profundamente lacerado, e a sua carne, cruelmente rasgada.

Penetração: ferimento profundo causado por um instrumento pontiagudo.

Essas lesões foram provocadas pela coroa de espinhos, que perfurou e fez sangrar a cabeça de Jesus, conforme registrado em **João 19:2, E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, lhe puseram sobre a cabeça.**

Perfuração: termo que significa “passar através de”.

No Calvário, as mãos e os pés de Jesus foram traspassados, cumprindo com exatidão o que fora profetizado em **Salmos 22:16, "Traspassaram-me as mãos e os pés".**

Os grandes pregos de ferro foram introduzidos entre os ossos do Salvador, separando-os sem os quebrar, o que é confirmado pelo testemunho de João 20:25, onde se menciona o sinal dos cravos.

Incisão: ferimento produzido por um instrumento pontiagudo e cortante.

No relato da crucificação, essa lesão é observada no golpe que Cristo recebeu após a sua morte, conforme registrado em **João 19:34, Contudo, um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água.**

Diante de todo o sofrimento que padeceu, Jesus não abriu a boca para pedir vingança contra os seus algozes, cumprindo a profecia de **Isaías 53:7**: **"Como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, Ele não abriu a boca".**

Além de suportar o sofrimento em silêncio, Jesus intercedeu por aqueles que o feriam, conforme declara **Isaías 53:12**: **"Levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu".**

Em vez de vingar-se ou proferir palavras de maldição, Jesus manifestou graça e compaixão.

Ele intercedeu por seus ofensores, revelando a profundidade do seu amor e perdão, conforme **registrado em Lucas 23:34: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem".**

Quero concluir dizendo que Jesus entregou-se como sacrifício. A morte de Cristo foi substitutiva; Ele foi à cruz em nosso lugar. O Salvador não conheceu pecado: "Nunca fez injustiça, nem engano algum se achou em sua boca". Isaías 53:9

Ele venceu a morte, arrancando dela o seu aguilhão, para que a sepultura jamais tenha a última palavra. Jesus ressurgiu! Ele está vivo! Ele desfez o império da morte, abrindo o túmulo de dentro para fora e conquistando para nós a imortalidade.

Cristo nos comprou com o seu próprio sangue, libertando-nos da maldição, da escravidão, do domínio das trevas e do jugo do pecado. Agora somos livres; somos filhos de Deus.

Venha a Cristo hoje mesmo.

Rejeitar Jesus é crucificá-lo de novo; é cuspir em seu rosto outra vez. O Salvador suportou tudo para salvar você. Ele o ama e provou esse amor na cruz do Calvário, morrendo em seu lugar.